

Entrevista: Evo Morales, líder da oposição boliviana

“Os protestos e bloqueios vão continuar”

MARCELO FLEURY

Do outro lado da linha, uma assessora pouco delicada responde, novamente, que Evo Morales está em reunião. A resposta é sempre a mesma, de manhã, à tarde ou à noite. Mas faz sentido.

Pela segunda vez em menos de dois anos, o líder indígena e deputado roubou as atenções na Bolívia em uma semana marcada por bloqueios de estradas no país e pela renúncia de um presidente. Em 2003, ele esteve à frente dos protestos que derrubaram Gonzalo Sánchez de Lozada. Agora, causou polêmica ao não aceitar participar do pacto de governabilidade que garantiu a permanência de Carlos Mesa no poder.

Derrotado nas eleições de 2002, mas candidato favorito para o pleito de 2007, o índio aimara de 45 anos é o criador de um movimento nacional em defesa da maioria indígena e pobre do país.

— Este é um conflito entre ricos e pobres, mas também um confronto racial — diz, a respeito da atual ebulição social.

Morales é visto como uma espécie de Hugo Chávez da Bolívia. Como o presidente venezuelano, gosta de fazer alusões ao “imperialismo americano” e ameaças às multinacionais. Na última semana, só não participou de reuniões enquanto dormia. Para falar com ele, Zero Hora o acordou de madrugada. Depois de esbarrar na secretária uma dezena de vezes, o próprio Morales atendeu ao telefone, com voz de sono, à 1h de quinta-feira. A conversa durou 15 minutos, interrompida apenas por alguns bocejos do lado de lá da linha:

Zero Hora — Por que o senhor não aceitou participar do pacto que garantiu a permanência de Carlos Mesa na presidência?

Evo Morales — Como todo mundo no Congresso, nós rejeitamos a renúncia. Mas não podemos entrar num acordo do qual participam partidos que apoiavam o ex-presidente Gonzalo Sánchez de Lozada. Por outro lado, formamos um pacto nacional com os representantes dos movimentos sociais, como a COB (*Central Operária Boliviana*), para defender os recursos naturais bolivianos.

ZH — Alguns analistas disseram que o senhor perdeu a queda-de-braço com o governo e que acabou isolado depois do episódio da semana passada.

Morales — Eu não acredito nos analistas. O Movimento Ao Socialismo (*MAS, partido de Morales*) é a grande potência dos movimentos sociais. Continuamos fortes. O que não podemos é nos misturar com os partidos neoliberais. Saímos fortalecidos por não termos participado desse acordo.

ZH — Até quando continuarão os protestos e os bloqueios nas estradas da Bolívia?

Morales — Os protestos vão continuar até que o Congresso aprove a Lei de Hidrocarbonetos que estabelece 50% de royalties para as empresas estrangeiras que exploram o gás do país. Enquanto isso, o movimento continuará crescendo.

ZH — Não é possível chegar a um meio termo entre o que o MAS propõe e o que o governo quer?

Morales — Não há nenhuma possibilidade. O povo boliviano não aceita a proposta do governo. Os 50% de royalties são necessários para cobrir o déficit da Bolívia.

ZH — O presidente Mesa ameaçou apresentar uma renúncia irrevogável se os movimentos sociais o impedirem de governar. O senhor acredita nisso?

Morales — Não. Nenhuma renúncia é irrevogável. A renúncia que o presidente apresentou e que foi rechaçada era uma forma de chantagear o parlamento e os movimentos sociais. Não era renúncia mesmo. Depois, ele se deu conta de tudo aquilo que falou no domingo, quando acusou os movimentos sociais pelo fracasso de sua política, e chegou até a esboçar um pedido de desculpas.

ZH — O senhor não teme as consequências que a exaltação de ânimos de ambos os lados pode trazer para a Bolívia?

Morales — Não, porque estamos com o povo boliviano. Sabemos que Carlos Mesa está preparando um estado de sítio, primeiro, e um possível autogolpe, depois. Mas o movimento popular vai superar qualquer arbitrariedade deste governo. A situação do país está agora nas mãos do presidente. Dependendo apenas dele aceitar as demandas do povo boliviano.

ZH — O senhor será candidato a presidente em 2007?

Morales — Se os movimentos sociais me pedirem para ser candidato, então eu serei candidato.

ZH — Se o senhor for eleito, a Petrobras e outras empresas estrangeiras que exploram o gás boliviano podem ter os contratos cancelados?

Morales — Sempre deixamos muito claro que não. Os contratos deverão apenas respeitar a nova lei dos combustíveis. Se chegarmos ao poder, seremos sócios, não donos da Bolívia.



Líder indígena: Evo Morales perdeu a disputa presidencial de 2002, mas é o favorito para as eleições de 2007

Um país rico com um povo pobre

♦ La Paz

Assentada sobre a segunda maior reserva de gás natural da América do Sul, depois da Venezuela, a Bolívia assistiu na última década a um rápido desenvolvimento do setor energético sem uma contrapartida nas condições de vida da população.

A privatização de parte das reservas, impulsionada pelo presidente Gonzalo Sánchez de Lozada, levou à chamada Guerra do Gás, que resultou na sua deposição em outubro de 2003. Menos de dois anos depois, as multinacionais que exploram os recursos do país ainda são apontadas pela minoria indígena como responsáveis pela miséria.

— Estamos sentados sobre uma quantidade imensa de riqueza em

potencial, mas não acho que isso será explorado em breve. A situação está muito instável — afirma o economista boliviano Gonzalo Chávez.

O estopim da crise foi a chamada Lei de Hidrocarbonetos, que regula a cobrança de royalties das empresas estrangeiras exploradoras de petróleo e gás natural. O presidente Carlos Mesa acha que cobrar mais que 18% seria inviabilizar os investimentos. Já os movimentos sociais, liderados por Evo Morales, exigem a cobrança de 50% de royalties.

Depois de apresentar sua renúncia ao Congresso, Mesa forjou um pacto de governabilidade na terça-feira que garantiu sua permanência na presidência, mas não convenceu Morales a apoiá-lo. Grupos indígenas e sindicalistas declararam guerra

ao governo e intensificaram as greves e os bloqueios de estradas. Na sexta-feira, porém, os protestos começavam a perder força.

Apesar de nenhuma das grandes empresas estrangeiras, como a Petrobras, cogitarem deixar a Bolívia, a onda de protestos deve impedir grandes investimentos nos próximos anos. De US\$ 605 milhões em 1998, eles já caíram para US\$ 281 milhões em 2003. Mesmo assim, o setor responde por um terço do Produto Interno Bruto (PIB).

Os indígenas são contra as multinacionais por acreditarem que as reservas naturais serão saqueadas. O argumento é baseado na própria história do país, que, apesar de suas riquezas, continua sendo o mais pobre da América do Sul.

Data Publicação : 13/03/2005

Editoria : Mundo

Ilustração : Foto

Assunto :

Protesto, Bloqueio, Manifestação, Perfil, Bolívia, Liderança, Favoritismo, Eleição Presidencial